**O SANTUÁRIO COMO LUGAR DE ENCONTRO**

Dom Darci José Nicioli, CSsR

Bispo-auxiliar de Aparecida

Para refletir sobre o Santuário como “lugar de encontro”, no contexto deste VIII CONGRESSO MARIOLÓGICO da Academia Marial de Aparecida, cujo tema é – por inspiração do Papa Francisco – “Aparecida: Chave de leitura da Missão Evangelizadora da Igreja no Brasil - Encontro, Mística e Missão”, pela experiência de vida deste que vos fala, e pela oportunidade de estarmos no Santuário Nacional de Aparecida, este lugar, necessariamente, influencia a reflexão que ora proponho a todos e todas.

Como nasceu o Santuário Nacional de Aparecida? Todos sabemos que no início do evento ‘Aparecida’ nada há de espetacular e excepcional como, por exemplo, uma aparição da Virgem ou palavras de videntes mas, tão somente, o trabalho dos três pescadores e o encontro de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, quebrada, o corpo separado da cabeça, feita de barro cinza, cozido. Estudiosos identificam a origem, o estilo e o seu possível autor: “a imagem é paulista, de arte erudita, feita provavelmente na primeira metade do 1600, por discípulo, mas não pelo próprio mestre, do beneditino Frei Agostinho da Piedade”[[1]](#footnote-1) Com felizes palavras, ainda vaticina um dos estudiosos da imagem, o Dr. Pedro de Oliveira Ribeiro Neto: “A imagem da Conceição Aparecida veio de longe, de outro local paulista, onde estivera no altar de alguma capela ou num oratório de próspera fazenda. Quem a lançou à água, por estar quebrada, talvez com lágrimas nos olhos, nunca pensaria que, naquele simples gesto de renúncia, estava fazendo um bem à humanidade, cedendo aos homens do mundo um imenso patrimônio de fé”. [[2]](#footnote-2)

Depois... “os pescadores trouxeram para casa o mistério...”[[3]](#footnote-3) Assim nos disse o Papa Francisco quando se referiu ao encontro da imagem de Aparecida. E continuou ele: “O povo simples tem sempre espaço para albergar o mistério. Talvez nós tenhamos reduzido a nossa exposição do mistério a uma explicação racional; no povo, pelo contrário, o mistério entra pelo coração. Na casa dos pobres, Deus encontra sempre lugar”.

Se o primeiro manto da imagem foram as mãos do pescador Felipe Pedroso , o seu primeiro Santuário foi o coração daquela gente simples e pobre, onde o “mistério de Deus foi agasalhado”. Consta que, por alguns anos, a imagem foi cultuada na casa do pescador e, somente 15 anos depois, o filho do pescador, Atanásio, construiu-lhe um oratório “em um altar de paus, onde colocou a Senhora”[[4]](#footnote-4), às margens da estrada do Itaguassú. Assim nasceu o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida.

Antes do início das obras de acabamento artístico do espaço sagrado da Basílica Menor de Aparecida, por Cláudio Pastro, havia um grande letreiro no frontispício interno da ala norte do templo, onde estava escrito: Santuário – Morada de Deus, Casa de Maria, Encontro de irmãos. Assim o Santuário Nacional de Aparecida se definiu expressando, sinteticamente, a sua missão na Igreja do Brasil.

1. Morada de Deus:

Todo Santuário é lugar do encontro: com Deus, com o outro e consigo mesmo. No Santuário, o encontro com o Deus vivo é proposto através da experiência vivificante do Mistério proclamado, celebrado e vivido. Oferecem-se aos fiéis abundantes meios de salvação: anúncio da Palavra de Deus, incentivo à vida sacramental e litúrgica principalmente na Eucaristia e Reconciliação, e à Piedade Popular nas formas aprovadas pela Igreja.

Nesse sentido, destaco cinco elementos que me parecem fundamentais para identificarmos todo Santuário como “lugar de encontro”, respondendo ao tema de reflexão que nos foi proposto[[5]](#footnote-5):

1. Lugar da aliança

O Templo é a grande referência religiosa para o antigo Israel. Para o Israelita piedoso, o Templo é o lugar da “presença divina”... Ele recorda o passado salvífico, os grandes feitos de Iahweh, e faz a experiência da fidelidade do Deus da promessa no hoje da sua história.

Os Santuários nos recordam que Deus está conosco, sempre esteve e sempre estará. Deus não compete com o homem, mas é seu parceiro fiel e continua derramando sobre o seu povo abundantes graças. O lugar sagrado, construído de cimento e tijolos – “pedras mortas” – leva-nos ao compromisso com Cristo que nos faz santuário de “pedras vivas”. É Deus que, ao habitar entre os seus e nos seus corações, faz de nós ‘seu santuário’ vivo.

1. Lugar da Palavra

Os Santuários são por excelência o lugar da Palavra de Deus, na qual o Espírito Santo chama à fé e suscita a comunhão dos fiéis. Nesse sentido, favorece o aprofundamento da fé e oferece ocasião excelente para a nova evangelização, num espaço privilegiado e num tempo favorável, diversos do cotidiano das paróquias e comunidades. Mais do que nunca é importante associar o santuário à escuta perseverante e acolhedora da Palavra de Deus, que não é qualquer palavra humana e sim o próprio Deus vivo, no sinal da sua Palavra.

1. Lugar do Espirito

O Santuário é o lugar do Espírito, porque é o lugar em que a fidelidade de Deus nos atinge e transforma. Vai-se ao santuário, antes de tudo, para invocar e acolher o Espírito Santo, para depois levar este Espírito a todas as ações da vida.

1. Lugar dos Sacramentos

Os Santuários são lugares privilegiados das ações sacramentais, especialmente da Reconciliação e da Eucaristia, nas quais a Palavra de Deus atua e revela concretamente toda a sua eficácia. Quando se celebra um sacramento, não se faz algo, mas encontra-se com alguém, ou seja, com a pessoa de Jesus Cristo que se comunica com o fiel e o transforma. Portanto, o santuário, na celebração dos sacramentos, torna-se de fato lugar do encontro com o Senhor ressuscitado. Como nos diz São João Paulo II: “os santuários não são lugares do que é marginal e acessório, mas, ao contrário, lugares do essencial, lugares aonde se vai para se obter ‘a Graça’, antes ainda que ‘as graças’. (Santuário de Loreto, 1993).

1. Lugar da Festa e da Esperança

No Santuário, o povo de Deus aprende a ser a Igreja da alegria. Ali, reunidos à volta da mesma mesa da Palavra e da Eucaristia, experimenta-se a alegria da comunhão com Cristo e com os irmãos na fé. Quem visita um santuário sabe que Deus já está em ação, por isso, o coração já pode estar repleto de alegria, confiança e esperança, não obstante o sofrimento, a morte, as lágrimas, que fazem parte da vida.

Os santuários não só nos recordam de onde viemos e quem somos, mas abre também o nosso olhar para discernir para onde caminhamos, rumo a que meta se dirige nossa peregrinação, na vida e na história. O santuário, como obra da mão do homem, remete para o santuário definitivo do céu, a meta definitiva da nossa peregrinação nessa terra, para o encontro definitivo. Assim, o santuário oferece-se como um sinal profético de esperança.

1. Casa de Maria:

Em Aparecida e no seu Santuário, “Deus ofereceu ao Brasil a sua própria Mãe...”, nas palavras do Papa Francisco[[6]](#footnote-6). E continua... “Mas, em Aparecida, Deus deu também uma lição sobre si mesmo, sobre seu modo de ser e agir... Há algo de perene para aprender sobre Deus e sobre a Igreja, em Aparecida... Sua beleza refletida na Mãe, concebida sem pecado original, emerge da obscuridade do rio. Em Aparecida, logo desde o início, Deus dá uma mensagem de recomposição do que está fraturado, de compactação do que está dividido. Muros, abismos, distâncias ainda hoje existentes estão destinados a desaparecer”.[[7]](#footnote-7)

É umbilical a ligação existente entre Maria e um Santuário. Sabemos que Maria não é o centro, mas referenciando-a nas Escrituras, podemos dizer que Ela é a mulher cujo coração é o Santuário da Palavra e onde começa a nova família de Jesus, a Igreja. Além do mais, nenhum outro lugar seria mais indicado a Maria, aquela que deu carne e sangue à mais sagrada das criaturas, ao “primeiro de todas as criaturas”, como chama São Paulo a Jesus, aquele que é a imagem visível do Deus invisível (Cl 1,15).

Não por acaso, desde os primeiros séculos, celebrou-se a consagração de Maria no Templo. Muito cedo, celebrou-se na Igreja do Oriente a festa da “Entrada da Santíssima Mãe de Deus no Templo” e a esse título dedicou-se, no ano 543, uma Basílica em Jerusalém. No Ocidente, ou seja, na Igreja romana, a festa tomou o nome de “Apresentação da Bem-aventurada Virgem Maria”. O Papa Xisto V, em 1585, introduziu a festa no calendário universal, no dia 21 de novembro, data em que a festa sempre fora celebrada[[8]](#footnote-8).

1. A Basílica Nacional – o Santuário – é um “lugar feminino”

1. O Templo cristão é uma cidade, é a “Jerusalém nova que desce do céu” (Ap 21,2). Esse espaço “organizado”, santificado, nos retira do caos, pois é contrário à Babilônia externa. O Templo acolhe o corpo Místico de Cristo, isto é, a Assembleia celebrante, alicerçada na “pedra angular” que é Cristo.
2. Vista de fora, a Basílica simboliza a montanha, o lugar da teofania, como o monte Sinai, o Tabor e o Gólgota, lugares onde Deus se manifesta à humanidade e lhe revela seus Mistérios.
3. Podemos associar a Basílica ao útero onde a vida encontra lugar, onde se é gerado para a vida em Cristo. Fazendo a experiência de Deus, a partir da peregrinação trabalhosa até o seu Santuário, como que gestando a fé, o fiel renasce pela Graça para uma vida nova.
4. O Santuário é “casa da mãe”

O “arquétipo” positivo da mãe – cujos atributos são a sabedoria e a elevação além da razão, o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento etc. – nos é fundamental para o perfeito equilíbrio psíquico-afetivo. O útero é nossa primeira morada! O amor de mãe é nossa primeira escola! A casa da mãe é sempre nosso ponto de referência e refúgio, para onde voltamos nas tempestades da vida. O Santuário, como casa da Mãe, mostra-se como lugar de refúgio, de afetividade, de cura de nossas dores, de consolação devido às nossas perdas, de perdão para a necessária reconciliação, enfim, de reencontro de sentido para nossas vidas.

1. Os Santuários marianos são a casa da “Bendita entre as mulheres”

A Virgem Maria é o Santuário vivo do Verbo de Deus. A este propósito Santo Ambrósio faz uma afirmação iluminadora: “Maria era o templo de Deus, não o Deus do templo, e por isso deve ser adorado somente Aquele que atuava no templo”[[9]](#footnote-9). Ao trocar olhares com Maria, o fiel sente-se chamado a viver a dimensão Pascal, que provoca a sua conversão pelo acolhimento da Palavra, pela celebração dos sacramentos e pelo empenho caritativo em benefícios dos irmãos. Aquela que acreditou ajuda o fiel na consolidação da própria fé porque é tipo, modelo e exemplo de discipulado.

Os Santuários marianos mostram-se familiares, lugar da família, onde ocorre uma identificação com a “dona da casa”, que fala à nossa humanidade, é gente como a gente. O Papa Francisco, falando da “pesca milagrosa” em Aparecida, ajuda-nos a compreender essa verdade. Diz o Papa: “Os pescadores veem, então, a imagem da Imaculada Conceição. Primeiro o corpo, depois a cabeça, em seguida a unificação do corpo e da cabeça: a unidade. Aquilo que estava quebrado retoma a unidade. O Brasil colonial estava dividido pelo muro vergonhoso da escravatura. Nossa Senhora Aparecida se apresenta com a face negra, primeiro dividida mas depois unida, nas mãos dos pescadores... A Igreja não pode descurar esta lição: ser instrumento de reconciliação”.[[10]](#footnote-10)

1. Encontro de irmãos
2. Para uma Eclesiologia de comunhão

O Papa Francisco quis visitar o Santuário de Aparecida e, na ocasião, durante a homilia da missa, confidenciou-nos algo que remete à importância dos Santuários para a vivência de uma eclesiologia de comunhão. Observou o Papa Francisco que, durante a V Conferência do Episcopado Latino-Americano, em 2007, os “Bispos – que trabalharam sobre o tema do encontro com Cristo, discipulado e missão – eram animados, acompanhados e, em certo sentido, inspirados pelos milhares de peregrinos que vinham diariamente confiar a sua vida a Nossa Senhora: aquela Conferência foi um grande momento de vida de Igreja. E, de fato, pode-se dizer que o Documento de Aparecida nasceu justamente deste encontro entre os trabalhos dos Pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria”.[[11]](#footnote-11) Podemos intuir que, para o Papa Francisco, os Santuários são lugares privilegiados, onde o Povo de Deus vive o ‘sacerdócio comum dos fiéis’, deixando-se iluminar na mesa da Palavra e da Eucaristia, e iluminando, como discípulos missionários no exercício da sua vocação profética.

O Papa quer uma Igreja missionária, uma Igreja “em saída”, como nos diz Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos meus...” Nesse “ide” estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja (EG 20). Constituamo-nos em “estado permanente de missão!”, pede-nos o Papa. E os Santuários são uma missão continuada, um espaço privilegiado para o anúncio do querigma – o primeiro anúncio – e para o crescimento da fé.

As paróquias e as “outras instituições eclesiais – podemos aqui incluir os santuários – são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores. Frequentemente, trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja”. (EG 29)

Portanto, o que o Papa Francisco pede à Igreja sobre a nova evangelização, podemos entender que se aplica também aos santuários: “uma mãe de coração aberto...”, “uma casa de portas abertas...”, “que chegue a todos, sem exceção...” para, primordialmente, anunciar a bondade e a misericórdia de Deus, em Jesus Cristo.

1. Santuário: lugar de encontro da comunidade local

Vivificado pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos da fé, o peregrino que vem ao Santuário de “pedras mortas”, torna-se ele mesmo santuário de “pedras vivas” e, assim, se percebe Igreja. Neste sentido, podemos dizer que as romarias fazem nascer de novo a Igreja viva, participativa, de comunhão.

A dinâmica da romaria provoca a conversão pessoal e comunitária, onde cada fiel pode discernir e maturar a própria vocação e tornar-se discípulo-missionário, disponível para servir o outro, especialmente na comunidade paroquial, onde se articula a comunhão eclesial.

A fé é construída em mutirão! Sentir que tantos outros comungam da mesma opção de fé promove o sentimento de “corpo eclesial” no peregrino, despertando, fortalecendo e animando-o em sua caminhada eclesial.

A dimensão da festa, tão característica nos Santuários, colabora para o fortalecimento dos laços comuns e ajuda vencer o perigo da rotina e da monotonia na vida comunitária paroquial. O ordinário é a paróquia e o extraordinário é o Santuário. Estas duas dimensões coexistem e se completam na ação evangelizadora da Igreja.

O Santuário, necessariamente, deve estar em comunhão com as orientações pastorais da Igreja local onde está situado e, também, com a Igreja nacional, para ser instrumento de comunhão na evangelização.

1. Desafios para que os Santuários sejam ‘lugar(res) de encontro’
2. Ninguém gosta de ser tratado como número, daí a importância do acolhimento e do tratamento personalizado, mesmo em grandes Santuários como o de Aparecida. Assim, para uma competente e eficaz evangelização nos santuários devemos considerar: equipe de acolhida bem preparada; uso de linguagem adequada nas pregações e celebrações; serviço de som de qualidade; espaço celebrativo harmônico e comprometido com a beleza; infraestrutura digna, com conforto e higiene, etc. Cada peregrino deve se sentir único e ser tratado como pessoa.
3. O agente evangelizador deve saber que a assembleia eclesial num santuário é sempre heterogênea, constituída por: fiéis participantes e comprometidos, fiéis de rara participação, fiéis de nenhuma participação, fiéis que só receberam rudimentos da fé cristã, e turistas sem nenhuma relação com a Igreja. Portanto, os elementos doutrinais básicos não podem ser pressupostos, mas apresentados com sabedoria e com “didática”.
4. A liturgia é catequese em ato. Lex orandi, lex credendi e lex vivendi: celebrando, o fiel aprende sobre o mistério de Deus e é provocado à fidelidade, na fé. Daí a importância do preparo e da beleza nas celebrações dos santuários.
5. A piedade popular é elemento importante para uma eficaz evangelização, pois fala à alma do nosso povo. Os santuários devem ser lugares privilegiados de manifestação e cultivo dessa expressão de fé.
6. A Eucaristia, o Sacramento da Reconciliação e as bênçãos são os principais “serviços” que os santuários prestam aos fiéis. Portanto, a abundância de horários e a presença constante do agente pastoral são de fundamental importância, de maneira que os peregrinos não vejam frustradas suas expectativas.
7. A romaria não começa nem termina no santuário. Por isso, a importância de acompanhar a romaria antes, durante e depois, através das suas lideranças e por meio de roteiros oracionais oferecidos previamente.
8. Devido à rotatividade e sazonalidade características dos Santuários, a fidelização é balizadora da eficácia do método evangelizador adotado. Se o peregrino gosta e se sente acolhido, retorna com maior frequência.
9. Conclusão

Com esses pressupostos, compreende-se como uma atenta ação pastoral pode fazer dos Santuários lugares de encontro, para uma sempre nova e eficaz ação evangelizadora: lugares de descoberta, renovação e fortalecimento da fé, lugares de vivência eclesial e celebração dos Sacramentos da fé, lugares de educação para os valores da ética, em particular a justiça, a solidariedade, a paz e a salvaguarda da criação, para a Glória de Deus e o bem da Igreja Povo de Deus, contribuindo para o crescimento da qualidade de vida para todos.

29-05-2014

1. Ribeiro Neto, Pedro Oliveira – “A imagem de N. Senhora Aparecida”, in: Jubileu de Ouro & Rosa de Ouro, Ed. Santuário SP, 1970, pag. 174. (Provavelmente a autoria é do discípulo Frei Agostinho de Jesus, e feita de barro paulista). [↑](#footnote-ref-1)
2. IDEM, pag. 188. [↑](#footnote-ref-2)
3. Papa Francisco – Discurso aos Bispos, no Rio de Janeiro RJ, in: Papa Francisco – Mensagens e Homilias, Ed. CNBB, 2013, pag. 60. [↑](#footnote-ref-3)
4. Brustoloni, Júlio – História de Nossa Senhora Aparecida (A imagem, o Santuário e as Romarias), Ed Santuário, 1979, pag. 44-45. [↑](#footnote-ref-4)
5. Referência para a reflexão: O Santuário: Memória, Presença e Profecia do Deus vivo, in: Pastoral do Turismo – desafios e perspectivas, Ed. CNBB, 2009, pag. 129-159 [↑](#footnote-ref-5)
6. Papa Francisco – Discurso aos Bispos, no Rio de Janeiro RJ, Idem, pag. 59 [↑](#footnote-ref-6)
7. Ibidem, pag. 60 [↑](#footnote-ref-7)
8. Adolf Adam – O Ano Liturgico, Ed. Paulinas SP, 1983, pag. 216 [↑](#footnote-ref-8)
9. Santo Ambrósio – De Spiritu Sancto III, 11,80. [↑](#footnote-ref-9)
10. Papa Francisco – Discurso aos Bispos, no Rio de Janeiro, idem, pag. 60 [↑](#footnote-ref-10)
11. Papa Francisco – Homilia no Santuário Nacional de Aparecida, Idem, pag. 17 [↑](#footnote-ref-11)